



08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022
ISSN 2177-3866

A ABORDAGEM INTEGRATIVA NO ESTUDO DE RESILIÊNCIA NO EMPREENDEDORISMO FEITO POR MULHERES

VÂNIA MARIA JORGE NASSIF

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

MÁRCIA MARIA GARÇON

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)

GIVALDO GUILHERME DOS SANTOS

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

JULIANE DA COSTA EVANGELISTA

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

HEIDY RODRIGUEZ RAMOS

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

Agradecimento à orgão de fomento:

Agradecemos a FAPESP, CNPq e CAPES

A Abordagem Integrativa no Estudo da Resiliência no Empreendedorismo Feminino

1 Introdução

No contexto das pesquisas em empreendedorismo feminino, as investigações destacam sua importância para o crescimento econômico nacional e bem-estar social (De Vita, Mari & Poggesi 2014). Em função disso, o campo de empreendedorismo desenvolvido por mulheres apresenta um corpo robusto de estudos que, dentre outras temáticas, demonstram um profundo interesse quanto a variedade de adversidades e problemas enfrentados por elas em todas as etapas do processo empreendedor (Gupta, Goktan & Gunay 2014; Markussen & Røed, 2017; Nassif, Leão & Garçon 2018).

A mulher empreendedora vive situações próprias do gênero como dificuldade em conciliar o trabalho-família que gera atrito entre as atividades do trabalho doméstico, o cuidado dos filhos e o empreendimento, o que demanda o desenvolvimento de resiliência para superar tais adversidades e conflitos (Mcgowan, Redeker, Cooper & Greenan; 2012; Nassif, Hashimoto, Borges, Falce & Lima, 2019, Ahmed, Ucbasaran, Cacciotti, Williams, 2022).

A ameaça de estereótipo (Steele & Aronson, 1995), configura-se como uma condição psicológica e social limitante da atuação que surge quando estereótipos amplamente conhecidos sobre um grupo influenciam como os indivíduos se autocaracterizam ou se conformam com a visão mantida por outros.

Um ambiente machista e pautado pela sociedade do patriarcado contamina o ambiente de negócios e mulheres que empreendem passam por conflitos emocionais que podem influenciar, negativamente, o seu processo empreendedor como desmotivação, sentimento de incapacidade e infelicidade (Nassif *et al.*, 2018). Neste sentido, a temática da resiliência entre mulheres empreendedoras, que precisam suportar diferentes desafios pessoais e profissionais, passa a ser relevante para compreender o comportamento empreendedor relacionado ao enfrentamento e a capacidade para superar problemas e situações adversas ou inesperadas relacionados ao gênero.

Há estudos que envolvem resiliência como comportamento de superação frente às ameaças e barreiras, bem como, características psicológicas adaptativas (Fletcher & Sarkar, 2013), e ainda, conceitos empregados de maneira genérica, sem especificidade (Korber & McNaughton, 2017), caracterizando-a como corage e persistência. Mas, embora a resiliência apresente-se como um recurso importante para a manutenção dos empreendimentos (Da Silva, El-Aouar, Da Silva & De Sousa, 2019), há lacunas na literatura sobre o que é, de fato, resiliência, o comportamento resiliente entre mulheres e, ainda, sobre qual a melhor abordagem para estudá-lo.

Por considerar que aspectos cognitivos (o pensar, perceber e agir) e afetivos (o sentir) atuam com o mesmo grau de influência no comportamento humano (Wallon, 1989) e, especificamente no do empreendedor (Baron, 2008), há evidências de que ambos tenham influenciado o comportamento da resiliência.

2. Objetivo e Proposta Metodológica

Seguindo as reflexões apresentadas, esse estudo exploratório busca identificar bases teóricas e empíricas que sustentem a proposição do uso da abordagem integrativa (Baron, 2008) como a mais apropriadas aos estudos da resiliência de mulheres empreendedoras.

Para alcançar esse objetivo, a metodologia adotada foi a revisão narrativa (Elias, Silva, Martins, Ramos, Souza, & Hipólito, 2012; Paré, Trudel, Jaana, & Kitsiou, 2015) da literatura nacional e internacional com o propósito de identificar, na teoria e nas pesquisas aplicadas, a

pertinência da utilização da abordagem integrativa nos estudos sobre resiliência de mulheres empreendedoras.

A revisão narrativa procura identificar, de modo mais seletivo, o conhecimento relevante acerca do tema em estudo (Parré et al. 2015). Seguindo as orientações de Ridley (2012), por meio de técnicas de comparação e contraste entre teoria, estudos clássicos e pesquisas aplicadas, foi possível debater conceitos, analisar um grande número de trabalhos e encontrar similaridades e congruências entre os comportamentos cognitivo, afetivo e resiliente que justificam a abordagem integrativa como paradigma de estudos e encontrar similaridades e congruências entre os construtos apresentados.

Ao todo, 57 artigos foram localizados nas bases de dados *WoS*, *Scopus* e *Spell* sob critérios de relevância e avaliação por pares.

Os termos de busca foram resiliência, resiliência entre mulheres; aspectos cognitivos e afetivos; empreendedorismo; empreendedorismo feminino; abordagem integrativa, com versões em português e inglês, isolados ou em conjunto. Após primeira conferência referente à apropriação dos artigos selecionados ao objetivo da pesquisa, apenas 26 artigos seguiram para a análise.

O *corpus* textual foi composto por artigos científicos, completos e publicados em periódicos avaliados por pares, pelo critério de relevância. A busca foi realizada nas bases de dados *Web of Science (WoS)*, *Social Citation Index (SSCI)*, *Scopus* e *Spell*, por meio dos termos “resiliência”, “resiliência entre mulheres”; “aspectos cognitivos e afetivos”; “empreendedorismo”; “empreendedorismo feminino”; “abordagem integrativa” em suas formas singular e plural e entre aspas (“), de modo que a busca só fornecesse resultados com ambas as palavras.

A Figura 1 apresenta o esquema metodológico adotado neste estudo.

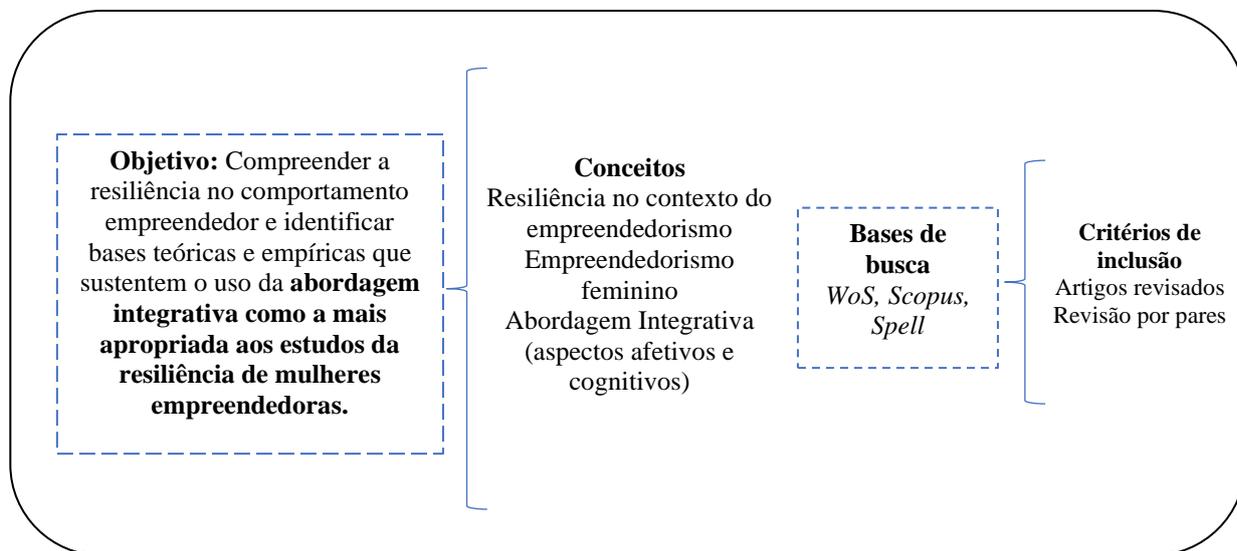


Figura 1 - Desenho da pesquisa.
Fonte: organizada pelos autores (2021)

O protocolo para coleta e seleção de dados está resumido na Figura 2.

Protocolo de Pesquisa	Descrição
Base de dados	<i>Scopus, Web of Science, Spell</i>
Tipo de publicação	<i>Peer-review journals</i>
Língua	Inglês e português
Período	Qualquer ano de publicação.
Campos de busca	Título, resumo e palavras-chave
Termos de busca	resiliência, resiliência entre mulheres; aspectos cognitivos e afetivos; empreendedorismo; empreendedorismo feminino; abordagem integrativa,
Critérios de inclusão	Somente artigos revisados por pares; em qualquer área de pesquisa; em qualquer ano de publicação.
Critérios de exclusão	Principal: “resiliência”, “empreendedorismo feminino” como segundo plano do artigo, outros grupos de empreendedores; livros ou capítulos de livros; editoriais; artigos destinados a culturas específicas.
Número de artigos identificados	57
Número de artigos analisados	26

Figura 2. Protocolo da pesquisa

Fonte: organizada pelos autores (2021)

3 Referencial Teórico

Essa seção traz uma breve explicação conceitual da abordagem integrativa e sua aplicação no campo do Empreendedorismo. Ainda procura iluminar os aspectos afetivos e cognitivos do processo e do comportamento do empreendedor que localizam a pertinência a abordagem integrativa como paradigma para os estudos de resiliência.

3 Fundamentação Teórica

3.1 A abordagem integrativa e sua inserção no campo do Empreendedorismo

A literatura científica, no campo das Ciências Sociais Aplicadas, mais especificamente na área de empreendedorismo, concentrou-se sobre os elementos cognitivos (pensamento, inteligência, percepção, memória e outras) para explicar o desempenho dos empreendedores, em detrimento aos aspectos da afetividade (Mitchell, Busenitz, Lant, McDougall, Morse, & Smith, 2002; Kickul, Gundry, Barbosa & Whitcanack, 2009).

Baron (2008), como crítico dessa visão míope, insere aportes da Psicologia na discussão dessa temática, defendendo o papel que os afetos (positivos e negativos) assumem no comportamento do empreendedor. Ao tratar as múltiplas relações entre o cognitivo e o afetivo, Baron (2008) amplia as possibilidades de estudo sobre o processo empreendedor, indicando a necessidade de ambos os aspectos serem estudados concomitantemente. E cria o termo abordagem integrativa.

O autor se apoia nos pressupostos de autores clássicos como Piaget (1977), Wallon (1989) e Vygotsk (2003) que postularam que emoções, embora sejam automáticas e inconscientes, dão origem à afetividade e como tal afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência.

Wallon (1989), por exemplo, explica que, ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam os cognitivos. E, talvez por isso, esta seja uma das razões em se entender a afetividade separada da cognição. Mas, a organização de nossos pensamentos influencia nossos sentimentos, por isso, o sentir também configura nossa forma de pensar. Pensar e sentir são ações indissociáveis, sendo necessário

atribuir importância à subjetividade dos estados afetivos, vividos por quem experimenta uma determinada ação Wallon (1989). Para Nassif (2014), os pensamentos influenciam os sentimentos, bem como, o sentir configura a forma de pensar.

Concebe-se as capacidades afetivas como emoções, sentimentos, paixão, humor e temperamento (Cardon, Post, & Forster, 2017) e cognitivas como percepção, atenção, inteligência, memória, aprendizado, criatividade, pensamento, raciocínio e a capacidade de resolver problemas (Walker, 2011). Weiten (2010) afirma que afetividade e a cognição subsidiam os processos mentais que influenciam o modo pelo qual nos comportamos.

Enquanto o aspecto cognitivo é a maneira preferida que uma pessoa coleta, processa e avalia as informações (Broek, Vanderheyden & Cools, 2003) fundamentada na memória (Baron & Shane, 2007), os aspectos afetivos referem-se aos humores temporários e sentimentos que os indivíduos experimentam ao longo das suas vidas (Baron, 2008), que podem interferir no processo de coleta e análise da informação, por meio das marcas subjetivas deixadas na experiência.

Apoiado nestes fundamentos, Baron (2008) explica que tendo a afetividade um sentido amplo, pode ser percebida nas vivências e motivações das pessoas. Já o cognitivo, atua na organização do pensamento, ajudando a resolver problemas e a buscar soluções frente às adversidades vivenciadas.

Neste sentido, adotar a abordagem integrativa nos estudos do comportamento do empreendedor direciona o olhar do investigador no papel de ambos por meio de pistas heurísticas como, por exemplo, na capacidade de identificar e explorar oportunidades de negócios e de tomar decisões em contextos complexos.

Forgas (2000) também propôs uma teoria integrativa, o Modelo de Infusão dos Afetos (AIM), baseada em quatro estratégias alternativas de julgamento: (a) acesso direto, (b) motivado, (c) heurístico e (d) processamento substantivo.

Em busca de novas evidências sobre a influência dos estados afetivos na cognição, ele analisou as pesquisas do campo da psicologia experimental e as integrou ao campo das pesquisas do comportamento organizacional. Especificamente, discutiu os efeitos do afeto no comportamento relacionado ao trabalho, envolvendo a motivação do trabalhador, criatividade e desempenho dentre outros tipos de comportamentos.

Os resultados deste estudo permitiram integrar o afeto na teorização das pesquisas que envolvem as configurações organizacionais e as decisões empreendedoras. Cardon et al. (2017) e McCann (2017) vêm contribuindo com o avanço da abordagem integrativa de estudo, apontando que os afetos positivos estão representados pela paixão do empreendedor e dimensão identitária, os quais estão imbricados à atitude empreendedora, que representa a cognição.

3. 2 Aspectos afetivos e cognitivos do comportamento empreendedor

A literatura aponta como as características comportamentais empreendedoras possuem papel central na identificação e exploração de novas oportunidades (Miller & Le Breton-Miller, 2011). Inserida nessa perspectiva, os afetos vêm chamando atenção desde quando Baron (2008) passou a defender que o comportamento empreendedor deve ser analisado sob todas as perspectivas humanas, ou seja, pelo olhar da cognição e do afeto.

Neste âmbito, a indissociabilidade entre afetivo e cognitivo pode ser encontrada durante todo o processo de empreendedorismo influenciando o julgamento, a tomada de decisão, a intenção e vontade de agir dos empreendedores (Baron & Shane, 2007). Por exemplo, afetividade positiva, como a paixão por uma ideia, pode prejudicar o comportamento de planejamento e influenciar a tomada de decisões prematura. Como também, o entusiasmo pode encorajar os empreendedores a adotar estratégias altamente persuasivas, reunindo investidores,

clientes e empregados em torno de sua ideia. Por outro lado, sentimentos negativos podem levar empreendedores à superestimar a importância da informação negativa e a rejeitar oportunidades que poderiam ser promissoras (Baron, 2008; Baron, Hmieleski & Henry, 2012; Foo, Uy & Baron, 2009; Ruskin, Seymour & Webster, 2016; Welpe, Spörrle, Grichnik, Michl & Audretsch, 2012).

A inteligência de negócio depende da interrelação do afetivo e do cognitivo, que permite às pessoas um reconhecimento de suas próprias possibilidades como primeiro recurso empreendedor (Baron, 2008). Se por um lado, os aspectos cognitivos (confiança, inteligência, julgamento e outros) contribuem para a percepção do risco visando antecipar crises, por outro lado, os afetivos (o sentir, a intuição e outros) permitem que as emoções positivas podem trazer importantes recursos quando vivenciam fracassos, inferindo que a resiliência é construída para dar respostas em situações específicas (Pangallo, Zibarras, Lewis & Flaxman, 2015).

4. Discussões

O levantamento da revisão narrativa da literatura apresenta elementos importantes para a análise da resiliência em mulheres empreendedoras, principalmente, àqueles ligados aos principais desafios do negócio relacionados ao gênero. A abordagem integrativa direciona o olhar das análises da resiliência sobre esses desafios associados à ameaça de estereótipo.

4.1 As ameaças de estereótipo de gênero e sua relação com o afetivo e o cognitivo

O cenário do empreendedorismo feminino é repleto de ameaças em função do estereótipo do gênero (Steele & Aronson, 1995), que cria dificuldades psicológicas e sociais em função de uma autoimagem limitadora construída a partir de modelos preconceituosos mantidos em determinadas sociedades e culturas. Assim, muitas das dificuldades encontradas por mulheres empreendedoras são criadas no âmbito de uma sociedade machista e fundada em valores do patriarcado (Nassif *et al.*, 2018).

Os sentimentos de incapacidade e insegurança profissional, relatadas no estudo de Nassif e colegas (2018), são exemplo de ameaças afetivas, visto que são formadas por sentimentos originados na pressão de compromissos referentes aos papéis sociais impostos às mulheres como conciliar emprego e tarefas da casa.

Essa carga emocional pode afetar o empreendimento, à medida que causa um sofrimento psicológico durante a realização das atividades cotidianas, seja por motivos individuais - sentimento de culpa por não atender as necessidades da família como acha que deveriam; seja por motivos profissionais – por não conseguir se dedicar plenamente ao seu negócio.

Jennings e Mcdougald (2007) identificam que as diferenças de gênero podem levar as empreendedoras a priorizarem suas famílias, em vez de seus negócios, evitando assim, conflito entre trabalho e família. O mais preocupante nesse cenário é que tais problemas são recorrentes e persistentes por terem difícil solução imediata. Essa recorrência de situações conflituosas e desgastantes emocionais pode minar a orientação empreendedora das mulheres ao influenciar – e enfraquecer - suas ações em situações adversas e de pressão extrema (Markussen & Røed, 2017).

Os estudos de Greenhaus & Beutell (1985), por exemplo, apontam que os conflitos familiares afetam o trabalho das empreendedoras, dificultando a busca pelo equilíbrio, desencadeando estresse e problemas emocionais. Por outro lado, Mannheim & Schiffrin, (1984) explicam que mulheres autônomas podem experimentar baixo estresse por conflito de papéis e essas diferenças são decorrentes de diferentes culturas.

Por isso que, em se tratando de empreendedorismo feminino, entender a resiliência como um processo a ser construído e adaptado às circunstâncias, torna-se um tema fundamental

para as pesquisas. E, não basta estudá-la apenas sob o ponto de vista da razão e cognição. É importante avaliar os aspectos afetivos envolvidos nesse comportamento.

A literatura vai apontar evidências de que os fatores cognitivos e afetivos têm forte influência no comportamento resiliente do empreendedor (Cardon, Wincent, Singh & Drnovsek, 2009; Dahles & Susilowati, 2015; Ngah & Salleh, 2015; Williams & Vorley, 2014). E, que a resiliência é, provavelmente, um fator crítico no desempenho positivo em situações de conflitos e de estresse no empreendedorismo feminino (Ahmed et al., 2022).

4.2 Os estudos sobre resiliência

A literatura apresenta um amplo escopo de trabalhos sobre resiliência fundados, principalmente, nas disciplinas da Psicologia, Neurociência e Negócios. Grande parte deles aproxima esse construto de variáveis como adaptabilidade, transformabilidade e vulnerabilidade (Korber & McNaughton, 2017), flexibilidade, otimismo, perseverança e constância no enfrentamento de problemas (De Vries & Shields, 2006; Hmieleski, Carr & Baron, 2015). Autores buscam compreender por que sujeitos resilientes têm melhor desempenho em seus empreendimentos que aqueles não resilientes. Sob este aspecto, Bullough e Renko (2013) enfatizam que, sem resiliência, as pessoas apresentam dificuldades de engajar-se em alguns dos comportamentos empreendedores indispensáveis para iniciar negócios, buscar novas atividades e perpetuar reações cautelosas diante das adversidades enfrentadas.

Shepherd, Saade e Wincent (2020) identificaram que há indivíduos que desempenham melhor em situações de estresse, transformando sentimentos negativos em combustível para a busca de resultados positivos. Hmieleski *et al.* (2015) comprovaram a relação entre capital psicológico e resiliência, sendo o resultado dessa conexão o entusiasmo para preservar e superar situações de crise, evitando grandes retrocessos em seus negócios. E, Biggs, Schlüter, Biggs, Bohensky, BurnSilver, Cundill, Dakos, Daw, Evans & Kotschy (2012) já haviam descoberto que dureza, persistência e autoeficácia são características importantes das pessoas resilientes que podem refletir no encorajamento para lidar com aspectos sociais e gerenciais do trabalho

Procurando entender a evolução e a variedade que circunstancia resiliência, Fletcher e Sarkar (2013) dividiram o conceito em três conjuntos:

i) resiliência como construção operacionalizada sobre duas vertentes: adversidade e adaptação positiva. Há evidências que a resiliência é necessária para responder à diferentes adversidades, que vão desde problemas contínuos até grandes eventos da vida;

ii) resiliência como traço ou processo que influencia as características psicológicas em contexto de estresse. A premissa deste conjunto é que os estressores (sentimentos) surgem do ambiente em que a pessoa opera, são mediados pelos processos de percepção, avaliação e enfrentamento (cognitivo) e, conseqüentemente, resultam em respostas positivas ou negativas, além dos sentimentos vivenciados. A premissa deste conjunto considera que a resiliência é influenciada por um sentimento de estresse controlado pela avaliação racional que direciona para seu enfrentamento. Esse processo dinâmico e concomitante entre afetivo e cognitivo resultam em respostas positivas ou negativas frente à adversidade;

iii) resiliência como pontos fortes de “identificação, fortificação e enriquecimento de qualidades ou fatores protetores resilientes” (Richardson, 2002, p.308). Essa linha dissocia o comportamento de resiliência com o enfrentamento de adversidades e está presente em um conjunto crescente de estudos que evidenciam que, embora esses conceitos sejam intercambiáveis, são construtos distintos (Campbell-Sills, Cohan & Stein, 2006; Major, Richards, Cooper, Cozzarelli & Zubeck, 1998; Van Vliet, 2008).

Korber e McNaughton (2017) trazem um entendimento sobre resiliência que destaca o valor da autoconsciência empreendedora, reflexividade e aprendizagem contínua. Eles

argumentam que a resiliência empreendedora é válida apenas se denotar um comportamento proativo, baseado em uma capacidade de superação formada em um processo dinâmico e contextualizado por condições adversas. Por exemplo, as mulheres muçulmanas empreendedoras dependem de suas crenças religiosas para construir resiliência (Tlaiss e McAdam, 2020).

Contribuindo ainda mais com esse ponto, Shepherd *et al.* (2020) também apontam a necessidade de entender a resiliência durante um longo período porque, quando se trata de adversidades substanciais e persistentes, a ação empreendedora, provavelmente, desempenha um papel central na resiliência. Da Silva *et al.* (2019) corroboram com essa afirmação, ao comprovarem, em estudo quantitativo com empreendedoras brasileiras, como a resiliência está correlacionada com a motivação e ao desejo de seguir em frente com seus negócios.

Outros estudos apontam a resiliência com uma visão de processo, cujo ator constroi, desenvolve habilidades para interagir com as adversidades (Williams *et al.*, 2017), encaminhando para a compreensão da resiliência como uma construção dinâmica para se adaptar às adversidades (Pangallo *et al.*, 2015), o que evidencia a força dos aspectos afetivos e cognitivos como atributos que apoiam, especialmente as mulheres empreendedoras à medida que lidam com situações conflitantes e estressoras.

Duchek (2018) desenvolve uma revisão de literatura e organiza um quadro teórico de resiliência empreendedora, a partir da análise das biografias de empreendedores altamente resilientes. O autor identifica dois fatores situacionais (o comportamento dos pais e a experiência dos pais) e dois fatores relacionados ao processo (aprendizado e experiência empreendedora e atitudes e comportamentos do empreendedor) que parecem ter um grande impacto no desenvolvimento empreendedor, resiliência e sucesso.

A Figura 3 destaca as principais variáveis de comportamento associadas à resiliência de acordo com os autores investigados.

Variáveis comportamentais associadas à resiliência e empreendedorismo	Autores/data
Adaptabilidade, transformabilidade e vulnerabilidade.	Korber & McNaughton (2017)
Flexibilidade, otimismo, perseverança e constância no enfrentamento de problemas.	De Vries & Shields (2006); Haynie e Shepherd (2011) Hmieleski, Carr & Baron (2015)
Dinamismo e perseverança.	Bullough e Renko (2013)
Situações de estresse animam à busca de resultados positivos.	Shepherd, Saade e Wincent (2020)
Entusiasmo para preservar e superar situações de crise.	Hmieleski <i>et al.</i> (2015)
Dureza, persistência e autoeficácia.	Biggs, Schlüter, Biggs, Bohensky, BurnSilver, Cundill, Dakos, Daw, Evans & Kotschy (2012)
Superação do sentimento de estresse pelo comportamento racional.	Fletcher e Sarkar (2013)
Proatividade e superação.	Korber e McNaughton (2017)
Motivação e desejo de seguir em frente.	Da Silva <i>et al.</i> (2019)
Aprendizado e experiência empreendedora	Duchek, (2018)

Figura 3. Compilação dos principais elementos comportamentais associadas à resiliência.

Fonte: Dados de pesquisa.

Elaborado pelos autores (2021)

O agrupamento dos achados na literatura apresentado na figura 03 mostra como sentimentos (afetivos) e pensamentos (cognitivos) se associam no enfrentamento de situações de estresse em direção a um cenário mais adequado aos negócios. Loh & Dahesihari, (2013), explicam que empreendedores resilientes são indivíduos que prosperam, apesar de normas

sociais, culturais e políticas restritivas, pois eles buscam adaptar a realidade circundante às suas necessidades.

Ao comparar os dados da Figura 3 com a realidade empreendedora, é possível perceber como a resiliência apresenta-se como um pilar fundamental para o desempenho do empreendedorismo. A resiliência transforma-se em mecanismo de defesa e enfrentamento por ser capaz de lidar tanto com os problemas racionais como os emocionais que surgem nas ameaças dos negócios (Lee & Wang, 2017).

4.3 . A abordagem integrativa é capaz de explicar a resiliência empreendedora?

Embora a maioria dos estudos identificados sobre a resiliência não adote a abordagem integrativa como dispositivo para análise, é possível encontrar trabalhos que abordam os aspectos afetivos e cognitivos associados à resiliência empreendedora. Doern (2016) e Obschonka, Hahn & Bajwa (2018), por exemplo, traçam a personalidade dos empreendedores resilientes a partir de comportamentos afetivos e cognitivos, ou seja, sentimentos e pensamentos. Engel, Noordijk, Spoelder & Van Gelderen (2020) interessaram-se em observar o enfrentamento aos problemas alicerçado nas emoções e em como estas oferecem trajetórias bem-sucedidas após eventos traumáticos.

Shepherd, Covin & Kuratko (2009) mostram como os sentimentos reforçam a resiliência e direcionam o olhar para a identificação de oportunidade. Por outro lado, enfrentamentos centrados cognitivamente foram interessantes a autores como Folkman & Moskowitz (2004). E, Corner, Singh & Pavlovich (2017) e Muñoz, Kimmitt, Kibler & Farny (2019) revelam como empreendedores alternaram emoções e elementos cognitivos ao lidarem com o fracasso e seguir em frente com seus projetos, permitindo um novo começo ou novas oportunidades. Esses são sinais que indicam o aumento do interesse dos estudiosos em abordar tais aspectos e propor um modelo integrativo.

A iniciativa de Lee e Wang (2017) trouxe importante contribuição ao campo. Os autores examinaram os facilitadores e inibidores do desenvolvimento da resiliência empreendedora e iluminaram os aspectos afetivos e cognitivos como aspectos fundamentais para os indivíduos se adaptarem às incertezas do negócio. Seu modelo integrativo serve como base para a construção de teoria de resiliência empreendedora, que pode ser aplicada em diferentes contexto e com diferentes atores sociais.

A revisão sistemática realizada por Ahmed e colegas (2022) ilustra o fortalecimento da abordagem. Além de apresentarem os diferentes entendimentos para o constructo resiliência em diferentes escolas, os autores alertam para a natureza do estresse em relação aos domínios da vida empreendedora indicando a pertinência dos conceitos de resiliência psicológica, estresse, enfrentamento (*coping*) nos estudos do empreendedorismo.

Ao final, apresentam um modelo integrativo com fundamentos conceituais sobre o processo de construção da resiliência psicológica no empreendedorismo e afirmam a necessidade de integrar os aspectos afetivos (emoções, sentimentos) e cognitivos (percepções, pensamento, inteligência) para que empreendedores, homens e mulheres, construam resiliência para lidar com as adversidades.

Considerando estes achados, parece claro que há evidências que a abordagem integrativa mostra-se competente em avaliar e aprofundar os estudos de resiliência em empreendedores. Outra evidência é a raridade de estudos relacionados à resiliência em mulheres empreendedoras, principalmente, ao tratá-la pela abordagem integrativa.

4.4 . A abordagem integrativa e a resiliência das mulheres empreendedoras

A leitura transversal realizada na literatura permite identificar que a resiliência é composta por traços cognitivos e afetivos que atuam, de maneira concomitante, em direção ao bom ajustamento de respostas em direção à continuidade do negócio. Todos os aspectos pessoais e de experiências aprendidos ao longo da vida – sejam de aspectos emocionais ou cognitivos -, são acionados diante de uma adversidade para darem respostas positivas e soluções (Haynie e Shepherd, 2011, Fletcher e Sarkar (2013). Essas evidências fortalecem a defesa de Baron (2008) em estudar os aspectos de empreendedorismo, a partir dos elementos cognitivos e afetivos de forma associada.

Em se tratando do empreendedorismo feminino, essa abordagem é ainda mais urgente. As experiências vivenciadas por empreendedoras integram conhecimentos e habilidades como estratégia de enfrentamento para aprender a lidar e a superar as ameaças de estereótipo e obstáculo nos negócios (Nassif et al, 2018; Politis, 2005).

Essa compreensão está de acordo com todas as estratégias de enfrentamento identificadas por Morero, Bragagnollo & Santos (2018), bem como, em todas as ocasiões de bem-estar psicológico dos empreendedores estudadas por Uy, Foo & Song (2013). E também vem ao encontro das quatro proposições de qualidades comportamentais alinhados à resiliência propostas por De Vries e Shields (2006): flexibilidade, alta motivação, perseverança e otimismo. Desta maneira, considerar a abordagem integrativa nos estudos de resiliência parece ser uma metodologia coerente e útil, principalmente, no contexto de empreendedorismo feminino.

A proposta de Baron (2008) leva em consideração sentimentos, afetos e emoções advindos da cultura, valores e educação que influenciam fortemente o processamento e interpretação das informações úteis para a tomada de decisões. Um exercício que ilustra essa proposição pode ser feito com Korber e McNaughton (2017) e Nassif *et al.* (2018 e 2019).

Korber e McNaughton (2017) consideram a resiliência empreendedora como uma trajetória positiva de longo prazo, pautada em três dimensões essenciais: autoconsciência empreendedora, reflexividade e aprendizagem contínua. Nassif *et al.* (2018 e 2019), estudaram os comportamentos de superação de empreendedoras sob a abordagem integrativa indicando elementos afetivos e cognitivos nas suas estratégias.

Podemos alinhar ambos estudos ao constatar que as empreendedoras brasileiras são conscientes das ameaças que sofrem, oriundas do ambiente de negócios, familiar e de seus aspectos emocionais e utilizam, de forma recorrente, mecanismos que se integram às variáveis de Korber e McNaughton (2017): em aprendizagem contínua, as mulheres buscam por cursos de especialização e de aprimoramento em instituições que as capacitam; em autoconsciência empreendedora, elas utilizam suas redes de apoio como recurso cognitivo (por exemplo, o uso de homens em negociações comerciais) e emocionais (como controle emocional, jogo de cintura e suporte com outras mulheres) para superarem suas limitações (Nassif *et al.*, 2018 e 2019).

Para Jennings e Mcdougald (2007), há uma lacuna entre ser resiliente e ter capacidade para enfrentar as adversidades. O mecanismo descrito nas pesquisas de Nassif e colegas (2018; 2019), alinhado à observação da resiliência dessas mulheres, aponta para a minimização dessa lacuna.

Por considerarem a resiliência um comportamento proativo e dinâmico e persistente ao longo do tempo, a proposição conceitual de Korber e McNaughton (2017) parece ser a mais alinhada à realidade do empreendedorismo por mulheres e à abordagem integrativa.

Por fim, a abordagem integrativa mostra-se competente em dar conta de investigar a resiliência como um fenômeno complexo (Sippel, Pietrzak, Charney, Mayes & Southwick, 2015), construído por meio de relações humanas funcionais e emotivas entre mulheres empreendedoras e o ambiente social, cultural, econômico e biofísico imediato (Almedom,

2015), que desempenham um papel central para compreender como as mulheres enfrentam suas dificuldades em contextos adversos

5. Conclusão e Contribuições

Os estudos sobre a resiliência têm se tornado uma área emergente e importante para os formuladores de políticas públicas, organizacionais, desenvolvimento profissional e entre acadêmicos (Korber & McNaughton, 2017, Linnenluecke, 2017; Williams et al., 2017). Trata-se de um tema relevante para compreender o comportamento empreendedor relacionado ao enfrentamento e a capacidade para superar problemas e situações adversas ou inesperadas, conforme citado Blanco & Montes-Botella, (2017).

Essa pesquisa exploratória traz contribuições teóricas importantes, ao propor um maior aprofundamento nos estudos sobre resiliência entre mulheres empreendedoras. Em primeiro lugar, ilumina a problemática do estereótipo como fonte de ameaças que se configuram, não apenas como elementos tangíveis do negócio como, também, em aspectos emocionais. E, em segundo lugar, e por conta desse primeiro, propõe que estudos sobre resiliência com esse público só poderão estar completos se considerarem a indissociabilidade entre cognição e afeto inerente ao empreendedorismo por mulheres.

Para tanto, indica a abordagem integrativa proposta por Baron (2008), como uma importante alternativa metodológica porque considera ambas as dimensões como interdependentes e complementares, além de oferecer um dispositivo explicativo sobre as relações entre ameaças de gênero e a resiliência.

Percebe-se que neste ambiente tão adverso, as emoções, sentimentos, afeto, humor e paixões podem nortear as decisões das empreendedoras, à medida que produzem pistas sobre os caminhos a serem seguidos (Nassif, 2014). Também é possível refletir que políticas públicas voltadas para o empreendedorismo por mulheres devem se preocupar com as fontes sociais, culturais e regionais e com o combate ao preconceito de estereótipo. Não basta apenas o fomento de investimento ou diminuição de burocracias para incentivar o empreendedorismo. É *míster* desenvolver fatores que coíbem as ameaças, dificuldades e obstruções advindas da estrutura do patriarcado, ainda presentes na sociedade.

No campo gerencial, indica que a resiliência relacionada a autoconsciência empreendedora, reflexividade e aprendizagem implica em investimentos em autoconhecimento visando o fortalecimento da sua resiliência empreendedora. Esse estudo indica caminhos para pesquisas futuras com a verificação empírica sobre os elementos afetivos e cognitivos e contribuição dos mesmos na resiliência de empreendedoras, bem como, a intensidade de cada um desses elementos durante as etapas do processo empreendedor. Ademais, abre caminho para pesquisas que investigam as ações empreendedoras, antes, durante e depois de vivenciarem situações adversas tendo, como ponto de interesse, as ameaças referentes ao estereótipo de gênero.

Referências

- Ahmed, A.E., Ucbasaran, D., Cacciotti, G., & Williams, T. A. (2022). Integrating Psychological Resilience, Stress, and Coping in Entrepreneurship: A Critical Review and Research Agenda. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 0(0), 1–42. <https://doi.org/10.1177/10422587211046542>.
- Almedom, A. M. (2015). Understanding human resilience in the context of interconnected health and social systems: Whose understanding matters most? *Ecology and Society*, 20(4). <https://doi.org/10.5751/ES-08195-200440>.
- Baron, R. A. (2008). The role of affect in the entrepreneurial process. *Academy of management Review*, 33(2), 328–340. <https://doi.org/10.5465/AMR.2008.31193166>.
- Baron, R. A., & Shane, S. (2007). *Entrepreneurship: A process perspective*. The psychology of entrepreneurship, 19–39.
- Baron, R. A., Hmieleski, K. M., & Henry, R. A. (2012). Entrepreneurs' dispositional positive affect: The potential benefits—and potential costs—of being “up”. *Journal of business venturing*, 27(3), 310–324. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2011.04.002>.
- Biggs, R., Schlüter, M., Biggs, D., Bohensky, E. L., BurnSilver, S., Cundill, G., Dakos, V., Daw, T. M., Evans, L. S., & Kotschy, K. (2012). Toward principles for enhancing the resilience of ecosystem services. *Annual review of environment and resources*, 37, 421–448. <https://doi.org/10.1146/annurev-environ-051211-123836>.
- Blanco, J. M. M., & Montes-Botella, J.-L. (2017). Exploring nurtured company resilience through human capital and human resource development. *International Journal of Manpower*, 38(5), 661–674. Handle: RePEc:eme:ijmpps:ijm-11-2015-0196.
- Bullough, A., & Renko, M. (2013). Entrepreneurial resilience during challenging times. *Business Horizons*, 56(3), 343–350. <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2013.01.001>.
- Campbell-Sills, L., Cohan, S. L., & Stein, M. B. (2006). Relationship of resilience to personality, coping, and psychiatric symptoms in young adults. *Behavior research and therapy*, 44(4), 585–599. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2005.05.001>.
- Cardon, M. S., Post, C., & Forster, W. R. (2017). Team entrepreneurial passion: Its emergence and influence in new venture teams. *Academy of Management Review*, 42(2), 283–305. <https://doi.org/10.5465/AMR.2014.0356>.
- Cardon, M. S., Wincent, J., Singh, J., & Drnovsek, M. (2009). The nature and experience of entrepreneurial passion. *Academy of management Review*, 34(3), 511–532. <https://doi.org/10.5465/AMR.2009.40633190>.
- Corner, P. D., Singh, S., & Pavlovich, K. (2017). Entrepreneurial resilience and venture failure. *International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship*, 35(6), 687–708. <https://doi.org/10.1177/0266242616685604>.

- Da Silva, P. M. M., El-Aouar, W. A., da Silva, A. W. P., & de Sousa, J. C. (2019). A resiliência no empreendedorismo feminino. *Gestão e Sociedade*, 13(34). <https://doi.org/10.21171/GES.V13I34.2346>.
- Dahles, H., & Susilowati, T. P. (2015). Business resilience in times of growth and crisis. *Annals of Tourism Research*, 51, 34–50. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2015.01.002>.
- Damásio, A. R. (2012). *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução Dora Vicente, Georgina Segurado. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- De Vita, L., Mari, M., & Poggesi, S. (2014). Women entrepreneurs in and from developing countries: Evidence from the literature. *European Management Journal*, 32(3), 451–460. <https://doi.org/10.1016/j.emj.2013.07.009>.
- De Vries, H., & Shields, M. (2006). Towards a theory of entrepreneurial resilience: A case study analysis of New Zealand SME owner operators. *New Zealand Journal of Applied Business Research*, 5(1), 33–43.
- Doern, R. (2016). Entrepreneurship and crisis management: The experiences of small businesses during the London 2011 riots. *International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship*, 34(3), 276-302. <https://doi.org/10.1177/0266242614553863>.
- Duchek, S. (2018). Entrepreneurial resilience: a biographical analysis of successful entrepreneurs. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 14(2), 429-455. <https://doi.org/10.1007/s11365-017-0467-2>.
- Elias, C. de S. R., Silva, L. A. da, Martins, M. T. de S. L., Ramos, N. A. P., Souza, M. das G. G. de, & Hipólito, R. L. (2012). Quando chega o fim? uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas* (Edição Em Português), 8(1), 48-53. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v8i1p48-53>.
- Engel, Y., Noordijk, S., Spoelder, A., & Van Gelderen, M. (2020). Self-compassion when coping with venture obstacles: Loving-kindness meditation and entrepreneurial fear of failure. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 45, 104225871989099. <https://doi.org/10.1177/1042258719890991>.
- Fletcher, D., & Sarkar, M. (2013). Psychological resilience: A review and critique of definitions, concepts, and theory. *European Psychologist*, 18(1), 12–23. <https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000124>.
- Folkman, S., & Moskowitz, J. T. (2004). Coping: Pitfalls and promise. *Annual Review of Psychology*, 55(1), 745-774. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.55.090902.141456>.
- Folkman, S., & Moskowitz, J. T. (2004). Coping: Pitfalls and promise. *Annual Review of*
- Foo, M.-D., Uy, M. A., & Baron, R. A. (2009). How do feelings influence effort? An empirical study of entrepreneurs' affects and venture effort. *Journal of Applied Psychology*, 94(4), 1086. <https://doi.org/10.1037/a0015599>.

- Forgas, J.P (ed). (2000). *Feeling and thinking: affective influence son social cognition*. Cambridge University Press: New York. https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1301_01.
- Greenhaus, J. H., & Beutell, N. J. (1985). Sources of conflict between work and family roles. *The Academy of Management Review*, 10(1), 76. <https://doi.org/10.2307/258214>.
- Gupta, V. K., Goktan, A. B., & Gunay, G. (2014). Gender differences in evaluation of new business opportunity: A stereotype threat perspective. *Journal of Business Venturing*, 29(2), 273–288.<https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2013.02.002>.
- Haynie, J. M., & Shepherd, D. (2011). Toward a theory of discontinuous career transition: Investigating career transitions necessitated by traumatic life events. *Journal of Applied Psychology*, 96(3), 501-524.<https://doi.org/10.1037/a0021450>.
- Hmieleski, K. M., Carr, J. C., & Baron, R. A. (2015). Integrating discovery and creation perspectives of entrepreneurial action: The relative roles of founding CEO human capital, social capital, and psychological capital in contexts of risk versus uncertainty. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 9(4), 289–312. <https://doi.org/10.1002/sej.1208> fatcat:rytz5zbrrra5jdcom7dtfpf6la.
- Jennings, J. E., & Mcdougald, M. S. (2007). Work-family interface experiences and coping strategies: Implications for entrepreneurship research and practice. *The Academy of Management Review*, 32(3), 747-760. <https://doi.org/10.2307/20159332>.
- Kickul, J., Gundry, L. K., Barbosa, S. D., & Whitcanack, S. D. (2009). Intuition Versus Analysis? Testing Differential Models of Cognitive Style on Entrepreneurial Self-Efficacy and the New Venture Creation Process. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(2), 439-453. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00298.x>.
- Korber, S., & McNaughton, R. B. (2017). Resilience and entrepreneurship: A systematic literature review. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 41(6), 519–539. <https://doi.org/10.1108/IJEBr-10-2016-0356>.
- Lee, J., & Wang, J. (2017), Developing entrepreneurial resilience: implications for human resource development, *European Journal of Training and Development*. 41(6), 519-539. <https://doi.org/10.1108/EJTD-12-2016-0090>
- Linnenluecke, M. K. (2017). Resilience in business and management research: A review of influential publications and a research agenda. *International Journal of Management Reviews*, 19(1), 4-30. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12076>
- Loh, J. M., & Dahesihsari, R. (2013). Resilience and economic empowerment: A qualitative investigation of entrepreneurial Indonesian women. *Journal of Enterprising Culture*, 21(01), 107–121.<https://doi.org/10.1142/S0218495813500052>
- Major, B., Richards, C., Cooper, M. L., Cozzarelli, C., & Zubek, J. (1998). Personal resilience, cognitive appraisals, and coping: An integrative model of adjustment to abortion. *Journal of personality and social psychology*, 74(3), 735. <http://dx.doi.org/10.1037//0022-3514.74.3.735>
- Mannheim, B., & Schiffrin, M. (1984). Family structure, job characteristics, rewards and strains as related o work-role centrality of employed and self-employed professional women with

children. *Journal of Organizational Behavior*, 5(2), 83-101. <https://doi.org/10.1002/job.4030050202>

Markussen, S., & Røed, K. (2017). The gender gap in entrepreneurship—The role of peer effects. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 134 (C), 356–373. <http://dx.doi.org/10.1016/J.JEBO.2016.12.013>

McCann, B. T. (2017). Prior exposure to entrepreneurship and entrepreneurial beliefs. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 23(3), 591-612. <http://dx.doi.org/10.1108/IJEBR-05-2016-0160>

McGowan, P., Redeker, C. L., Cooper, S. Y., & Greenan, K. (2012). Female entrepreneurship and the management of business and domestic roles: motivations, expectations and realities. *Entrepreneurship and Regional Development*, 24(1-2), 53-72. <https://doi.org/10.1080/08985626.2012.637351>

Miller, D. and Le Breton-Miller, I. (2011) Governance, Social Identity, and Entrepreneurship Orientation in Closely Held Companies. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 35(5), 1051-1076. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2011.00447.x>

Mitchell, R. K., Busenitz, L., Lant, T., McDougall, P. P., Morse, E. A., & Smith, J. B. (2002). Toward a theory of entrepreneurial cognition: Rethinking the people side of entrepreneurship research. *Entrepreneurship theory and practice*, 27(2), 93-104. <http://dx.doi.org/10.1111/1540-8520.00001>

Morero, J. A. P., Bragagnollo, G. R., & Santos, M. T. S. (2018). Estratégias de enfrentamento: Uma revisão sistemática sobre instrumentos de avaliação no contexto brasileiro. *Revista Cuidarte*, 9(2), 2257–2268. <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v9i2.503>

Muñoz, P., Kimmitt, J., Kibler, E., & Farny, S. (2019). Living on the slopes: entrepreneurial preparedness in a context under continuous threat. *Entrepreneurship and Regional Development*, 31(5–6), 413-434. <https://doi.org/10.1080/08985626.2018.1541591>

Nassif, V. M. J. (2014). Aspectos Afetivos e Cognitivos: Uma Relação Indissociável para Compreender o Comportamento do Empreendedor. Goiania: *VIII EGEPE*.

Nassif, V. M. J., Borges, C., Lima, E. O., & Hashimoto, M. (2019). Tipologia de Ameaças e Comportamentos de Superação: Uma Análise no Contexto Vivenciado por Mulheres Empreendedoras. *Anais do XLIII Encontro da ANPAD*. EnANPAD 2019.

Nassif, V. M. J., Leão, A. L. D. B. C., & Garçon, M. M. (2018). O Afetivo e o Cognitivo de Mãos Dadas: Uma avaliação das ameaças e comportamentos de superação no empreendedorismo por mulheres. *Anais do SEMEAD*. SEMEAD, 2018, São Paulo- SP.

Ngah, R., & Salleh, Z. (2015). Emotional intelligence and entrepreneurs' innovativeness towards entrepreneurial success: A preliminary study. *American Journal of Economics*, 5(2): 285-290. <https://doi.org/10.5923/c.economics.201501.37>

- Obschonka, M., Hahn, E., & Bajwa, N. ul H. (2018). Personal agency in newly arrived refugees: The role of personality, entrepreneurial cognitions and intentions, and career adaptability. *Journal of Vocational Behavior*, 105, 173-184. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2018.01.003>
- Pangallo, A., Zibarras, L., Lewis, R., & Flaxman, P. (2015). Resilience through the lens of interactionism: A systematic review. *Psychological Assessment*, 27(1), 1-20. <https://doi.org/10.1037/pas0000024>
- Paré, G., Trudel, A-C, Jaana, M., & Kitsiou, S.(2015). Synthesizing information systems knowledge: A typology of literature reviews. *Information & Management*, 52 (2015) 183–199. <http://dx.doi.org/10.1016/j.im.2014.08.008>
- Piaget, J. (1977). *O desenvolvimento do pensamento. Equilíbrio das estruturas cognitivas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Politis, D. (2005). The process of entrepreneurial learning: A conceptual framework. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(4), 399-424. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2005.00091.x>
- Richardson, G. E. (2002). The metatheory of resilience and resiliency. *Journal of clinical psychology*, 58(3), 307–321. <https://doi.org/10.1002/jclp.10020>
- Ridley, D. (2012). *The literature review: A step-by-step guide for students*. SAGE.
- Ruskin, J., Seymour, R. G., & Webster, C. M. (2016). Why create value for others? An exploration of social entrepreneurial motives. *Journal of Small Business Management*, 54(4), 1015–1037. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12229>
- Shepherd, D. A., Covin, J. G., & Kuratko, D. F. (2009). Project failure from corporate entrepreneurship: Managing the grief process. *Journal of Business Venturing*, 24(6), 588-600. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2008.01.009>
- Shepherd, D. A., Saade, F. P., & Wincent, J. (2020). How to circumvent adversity? Refugee-entrepreneurs' resilience in the face of substantial and persistent adversity. *Journal of Business Venturing*, 35(4), 105940. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2019.06.001>
- Sippel, L. M., Pietrzak, R. H., Charney, D. S., Mayes, L. C., & Southwick, S. M. (2015). How does social support enhance resilience in the trauma-exposed individual? *Ecology and Society*, 20(4). <https://doi.org/10.5751/ES-07832-200410>
- Steele, C. M., & Aronson, J. (1995). Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. *Journal of personality and social psychology*, 69(5), 797-811. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.69.5.797>
- Tlaiss, H. A., & McAdam, M. (2020). Unexpected lives: The intersection of Islam and Arab women's entrepreneurship. *Journal of Business Ethics*, 171, 253-272. <https://doi.org/10.1007/s10551-020-04437-0>
- Uy, M. A., Foo, M.-D., & Song, Z. (2013). Joint effects of prior start-up experience and coping strategies on entrepreneurs' psychological well-being. *Journal of business venturing*, 28(5), 583–597. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2012.04.003>

- Van Den Broek, H., Vanderheyden, K., & Cools, E. (2003). *Individual differences in cognitive styles. Development, validation and cross validation of the Cognitive Styles Inventory*. Vlerick Leuven Gent Management Schools Working Paper Series. <http://hdl.handle.net/20.500.12127/1024>
- Van Vliet, K. J. (2008). Shame and resilience in adulthood: A grounded theory study. *Journal of counseling psychology*, 55(2), 233. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.55.2.233>.
- Vygotsky, L. S. (2003). *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed.
- Walker, S. (2011). Affect: How does it influence one's entrepreneurial cognitions? *Journal of Enterprising Culture*, 19(02), 125–146. <https://doi.org/10.1142/S0218495811000726>.
- Wallon, H. (1989). *As origens do pensamento na criança*. Manole.
- Weiten, W. (2010). *Introdução à Psicologia: Temas e variações*. Cengage Learning Editores.
- Welppe, I. M., Spörrle, M., Grichnik, D., Michl, T., & Audretsch, D. B. (2012). Emotions and opportunities: The interplay of opportunity evaluation, fear, joy, and anger as antecedent of entrepreneurial exploitation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(1), 69–96. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2011.00481.x>
- Williams, N., & Vorley, T. (2014). Economic resilience and entrepreneurship: Lessons from the Sheffield City Region. *Entrepreneurship & Regional Development*, 26(3–4), 257–281. <https://doi.org/10.1080/08985626.2014.894129>
- Williams, T. A., & Shepherd, D. A. (2017). To the rescue!? Brokering a rapid, scaled and customized compassionate response to suffering after disaster. *Journal of Management Studies*, 55, 1-33. <https://doi.org/10.1111/joms>